

Afeto e dinheiro no circo de rua¹

Juliana Oliveira Silva

Doutoranda, PPGAS-MN/UFRJ

Palavras-chave: Dinheiro; Família; Casa.

Ao longo das estradas, nas ruas, semáforos e casas, as/os malabaristas constroem relações de proximidades e afastamentos. A experiência compartilhada, seja a de estar “na correria” ou na circulação, estimula o florescimento de cuidados e solidariedades uns com os outros. Dessas relações, algumas se desdobram em formatos familiares consanguíneos ou não. A moralidade da pessoa malabarista, pautada na ética da partilha e da coletividade, reflete-se na formação de famílias de consideração entre pessoas que, embora não sejam parentes de sangue, consideram-se como tais, fazem circo e moram juntas.

Ao mesmo tempo, a moralidade dessas pessoas tece afastamentos em relação a posturas consideradas como arrogância, ganância e vaidade.² Tais ambivalências manifestam-se também nas relações que as/os malabaristas têm com o dinheiro. Nesse universo, o dinheiro é adjetivado, revestido de significados morais e, através do estabelecimento de objetivos e metas, pode ser ‘purificado’: em situações específicas, o fazer dinheiro é aceitável, noutras não. Em Alter do Chão, a sazonalidade norteia as dinâmicas de circulação e fixação das/dos malabaristas que, em relação à alta e à baixa temporada, passam a fazer viagens de trabalho com durações mais curtas, e o objetivo definido de fazer dinheiro. O circo de rua, nesse cenário, funciona como ferramenta de circulação e fixação: para viajar, mas também para construir casas. Pessoas que estavam viajando, circulando pelo país, veem em Alter do Chão um lugar para morar, muitas vezes, atraídos pela ideia de “morar no mato”, ou ainda, “morar na Amazônia”.

Minha trajetória etnográfica junto aos circenses realizou-se em dois momentos:

(i) em São Luís do Maranhão entre 2013-2015, quando mapeei um circuito de cidades

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Este artigo é uma versão reduzida do terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado, defendida no PPGAS-MN/UFRJ, orientada por Federico Neiburg, e intitulada *Circo de rua na Amazônia: entre corpos, casas e estradas*. A discussão sobre moralidades no universo do circo de rua diz respeito ao capítulo dois, “Ética e ambivalências” (Cf. Silva 2018).

brasileiras visitadas por esses viajantes (Silva 2015); (ii) em Alter do Chão, Santarém (PA), em 2017, quando decidi seguir o circuito que havia mapeado. Isso me levou a circular por cidades no interior da Amazônia, nos estados do Pará e Amapá, próximas a garimpo: locais de alta concentração de dinheiro e escassez de atividades artísticas/culturais, cenário que torna o circo nas ruas rentável. Assim, o material etnográfico desse artigo dialoga com dados coletados nos últimos anos nestes dois momentos distintos. Meu interesse aqui é discutir a relação da pessoa malabarista com as dinâmicas de estabilidade e movimento na construção de famílias e casas e, a partir disso, os sentidos que o dinheiro adquire nesse universo.

Partirei da experiência de circulação para compreender (i) a formação de famílias consanguíneas e de consideração entre pessoas que se reconhecem em situações compartilhadas; (ii) a busca por autonomia e liberdade, que é atravessada pelo aprendizado e desempenho de múltiplas atividades e pela dimensão constante do planejamento, organização e estabelecimento de metas; (iii) o fazer dinheiro nos semáforos, que implica a circulação de outros elementos, como dons e energia, bem como a posição ambivalente do dinheiro nesse universo; (iv) a incidência da sazonalidade de Alter do Chão, sob a forma de alta e baixa temporada, no fazer circo, com ênfase na díade circular-fixar.

Fazer família

A adoção de um estilo de vida viajante não acontece sem dissensões. Abandonar emprego formal, residência fixa, vínculos institucionais de ensino são atitudes que não correspondem às expectativas de muitas famílias de origem das/dos malabaristas. No início, essas famílias, com a esperança de que a/o filha/o volte para casa, insistem por acreditarem que o circo de rua “não dá futuro”. Muita/os conflitos entre malabaristas e suas famílias de origem giram em torno do significado que a atividade circense feita nas ruas adquire: sinônimo de petição, não de trabalho. Com o passar do tempo, e em muitos casos com a distância física, esses conflitos familiares se abrandam, mas isso não significa aprovação.

Em contrapartida, a experiência de circular colabora à construção de proximidades e afastamentos entre pessoas que se reconhecem “no mesmo barco”. Essas relações são forjadas nas estradas, nos albergues, nos semáforos e hotéis. Pessoas que estão viajando encontram-se e partilham estratégias de circulação – como chegar,

como permanecer e como sair de diversas cidades. Pessoas que partilham saberes, técnicas e truques circenses, além de conhecimentos sobre artesanato, música, permacultura etc. Pessoas que cuidam umas das outras em casos de doenças e limitações físicas. Tais relações podem adquirir contornos familiares, distintos das famílias de origem.

Em Alter do Chão, das dez pessoas que conheci, seis são casais. Dois desses casais possuem filhos – um dos casais possui um bebê, enquanto o outro tem três crianças –, e se organizam conjuntamente, revezando horários de trabalho nos semáforos e praças para sustentar suas famílias. Esses três casais se conheceram após terem rompido com seus estilos de vida anteriores, dois deles durante as viagens e um deles já com residência fixa na vila. O primeiro casal, Miguel e Sofia, não faziam revezamentos nos semáforos porque quando os conheci ela estava gestante, prestes a dar à luz. Na ocasião, Miguel trabalhava nos semáforos para suprir suas necessidades e as de Sofia e, após o nascimento do bebê, ela voltaria aos semáforos.

O segundo casal, Rosa e Damian, intercalam as idas aos semáforos: enquanto um vai trabalhar, o outro fica em casa cuidando das crianças. Utilizam a mesma dinâmica quando precisam fazer viagens curtas para cidades próximas a Santarém. Rosa e Damian, viajantes há cerca de vinte anos, interromperam momentaneamente a circulação para que as crianças, nascidas e criadas na estrada, possam desfrutar de um estilo de vida mais fixo, frequentando escolas e convivendo com outras crianças. No entanto, antes de se fixarem viajavam com as crianças, remodelando suas formas de circulação:

Desse modo, o circo de rua envolve a circulação de pessoas, adultos e crianças, que constituem famílias consanguíneas. Emocionada, Rosa relembra as viagens que fizeram *em família* e destacava o quanto a experiência da circulação “deu às crianças outra forma de ver a vida”. As crianças estão constantemente na companhia de Rosa e Damian, seja em Alter do Chão ou anteriormente, na estrada e nas diferentes cidades. Viajar com as crianças foi um “aprendizado mútuo”: para eles e para as crianças. Conviver com elas no ambiente do circo é uma forma de criação partilhada, como se fossem “filhas/os de todo mundo”, ou seja, “todo mundo brinca”, “todo mundo toma conta das crianças”. Essa vivência, na concepção de Rosa, produziu nelas “mais abertura para compreender outras situações, para receber coisas novas”.

O que ocorre entre essas famílias difere do que Marcelin (1996:233) chamara de *ética da maternidade*, na qual as mulheres e mães têm a “obrigação” de tratar todas as

crianças como se fossem suas. No contexto do circo, essa ética existe, mas não é atribuída somente às mulheres, nem aparece sob a forma de um dever. Ao contrário, manifesta-se de forma voluntária, associada ao espírito lúdico do circo, cujo público favorito é infantil, justamente porque as crianças, estando ainda em formação, têm a capacidade de se impressionar, sorrir e deixar-se encantar. A outra forma familiar encontrada no circo de rua é forjada não a partir do sangue, e sim do sentimento de consideração.

Na estrada, as relações de proximidade e afastamento são reguladas pela certeza de que “o mundo é pequeno”: espécie de termômetro moral entre viajantes. A latente possibilidade de reencontro é uma variável central que informa o quanto é importante “não fazer besteira”. Salvo as devidas diferenças, entre as/os viajantes malabaristas verifiquei um tipo de *solidariedade especial* semelhante à estabelecida pelo mecanismo de compadrio (Mintz e Wolf 1950). No universo circense de rua, o complexo de relações não é regulado pelo co-parentesco, e sim pela experiência de circulação. Pessoas em situação nômade reconhecem umas nas outras uma *rede de solidariedade* e de *segurança* em que podem se apoiar – casos de malabaristas que só viajam de bicicleta ou só pegam carona se estiverem acompanhadas/os –, estendendo seus contatos e se integrando de modos diversos.

Os cuidados são expressos sob a forma de treinos coletivos e hospedagem de pessoas enfermas, que inclui trabalhar para ela, alimentá-la, comprar-lhe medicamentos, acompanhá-la ao hospital ou a um/a “puxador/a”.³ A condição compartilhada de viajante constrói as redes de solidariedade e segurança e, assim, garantem que mesmo viajando ‘sozinha/o’, um/a viajante está entre pessoas “no mesmo barco”. A importância do “não fazer besteira”, ou ainda, a construção e manutenção de laços entre viajantes, no curso da circulação ou fora dela, são formas de proteção e segurança, além de promoverem amadurecimento através das apresentações e treinos coletivos.

Fazer a variété em prol de um/a malabarista que está doente, acolhê-la/o, alimentá-la/o, trabalhar para ela/e podem ser lidos como *atos de parentesco*, ou seja, um fluxo de práticas distintas e irreversíveis, positivas ou negativas, intencionais ou não (Lambek 2011). Entretanto, por mais que a situação compartilhada funcione como um

³ Na Amazônia e em regiões do Nordeste brasileiro, “puxadoras” são pessoas, geralmente idosas, que através de massagens (com óleos diversos, como banha de anta) conseguem detectar males corporais, colocar ossos no lugar, puxar rasgaduras, aliviar pontos de tensões nos tendões etc. Muitas vezes, as pessoas não estão necessariamente doentes, mas sentem dor em alguma parte do corpo e procuram alguém que lhe puxe.

elemento identificador e aproximativo entre as pessoas, não é por si só suficiente para que as pessoas se considerem família.

No Baixo Sul da Bahia, o sentimento de *consideração* qualifica relações de proximidade, dando-lhes significado, na medida em que lhes atribui relevância. Ter consideração por alguém significa que o outro faz parte de sua constituição afetiva e identitária, logo, a consideração (Pina-Cabral e Silva 2013:26).

Nessa perspectiva, assumir laço é dar existência à relação e se responsabilizar pela outra pessoa. Considerar alguém pressupõe solidariedade e mutualidade. Então consideração implica também dar *atenção* a alguém, estar concentrado na pessoa, pois sem manifestação de sentimento, a consideração pode esvair-se. Esse sentimento de consideração entre viajantes malabaristas não é generalizado, e sim construído a partir da identificação, ou seja, dos aspectos que possuem em comum e, por conseguinte, dos cuidados e intercâmbios.

Desse modo, a condição circulante compartilhada não está diretamente associada ao sentimento de consideração. As pessoas na estrada estabelecem, com base na sua situação comum, redes de solidariedade e segurança, constroem afastamentos e proximidades. Dentre as pessoas próximas, pode emergir o sentimento de consideração, como é o caso de Ana e Fernanda que se consideram família. Elas se conhecem há anos, desde Portugal, país onde moravam antes de vir para o Brasil, onde estudaram juntas. Viajam e, às vezes, compartilham o semáforo fazendo *passes* com seis claves – combinação de truques com arremessos dos brinquedos. Em suas viagens, conheceram Alter do Chão e decidiram construir uma casa juntas com o dinheiro do circo.

Em nossa convivência diária percebi que a noção de *família* acionada por elas extrapola seus vínculos com as famílias de origem. O próprio ato de construir uma casa juntas representa, dentro do seu estilo de vida, mais uma alternativa aos padrões normativos da sociedade abrangente. Construir estilos de vida alternativos que englobem *formas alternativas de família*. Para Ana, Fernanda é sua família, pois, “é uma pessoa com quem eu compartilho meu dia-a-dia, é a pessoa a quem eu recorro se tiver algum problema, a quem eu confio as minhas coisas”. Enquanto Fernanda disse-me que elas constituem uma família por serem “pessoas que se entendem, se ajudam, se aceitam e se complementam”. Compartilhar, confiar, dialogar, se colocar uma no lugar da outra, se ajudar, se aceitar e se complementar são posturas afetivas a partir das quais elas justificam por que se consideram família. Esse é um dos casos de malabaristas que

manifestam e atualizam sua consideração uns pelos outros, dando atenção e cuidados, elaborando e executando projetos conjuntos.

A busca por autonomia e liberdade

A estrada é proporcionadora de múltiplas possibilidades tanto em termos de relação, quanto de aprendizado e aquisição de saberes. Na circulação, as/os malabaristas partilham técnicas, vivências, estórias e conhecimentos variados, e lançam mão de diversas atividades. Mas isso não se reduz à necessidade de fazer dinheiro, pois, muitas dessas atividades não proporcionam ganhos financeiros. Essa realização de diversas atividades e a aquisição de múltiplos saberes para além do circo, tem a ver com uma busca constante por *autonomia e liberdade*, ao mesmo tempo, fuga da monotonia: entrave do qual a própria vida na estrada e o fazer circo nas ruas não estão isentos.

Muitas/os malabaristas abandonaram seus antigos empregos por *insatisfação* em relação às formas de trabalhar consideradas enfadonhas e, na estrada, construíram proximidades e laços familiares. Dentre a pluralidade de práticas monetárias ou não, o circo de rua emerge como atividade que, simultaneamente, é prazerosa e arrecada ganhos financeiros. Se as trajetórias dessas pessoas apontam para o abandono de outras formas de trabalho e de fazer dinheiro, não podemos reduzir a pluriatividade a necessidades financeiras:

Não é que eu estava procurando um trabalho e o malabares “ah isso é lucrativo, com isso vou trabalhar mais ou menos, vou ganhar mais ou menos”. Era uma coisa de ter independência, de ter autonomia, de trabalhar com uma coisa que eu acredito, que eu acho que faz muito bem tanto para mim e para as pessoas. É como eu me posiciono na vida, é um trabalho, também vivo disso, também é um exercício, também é um trabalho onde eu tenho mais autonomia. Posso escolher a hora de trabalhar, como vou trabalhar, com quem, aonde, quanto tempo eu quero trabalhar, quanto tempo eu não quero. É liberdade, para mim significa liberdade (Conversa com Juan em Alter do Chão, 27/07/17 – grifos meus).

Independência, possibilidade de *escolha*, emerge como sinônimo de *autonomia*: forma de se posicionar diante do mundo, na qual saber fazer várias atividades, dentre elas circo, é ser *livre* e poder gerir seu próprio tempo. Entre as/os malabaristas residentes em Alter do Chão, verifiquei posturas de quem tem muito o que aprender com as pessoas locais. Paralelo a isso, um esforço constante de aproximação com conhecimentos ancestrais, como os saberes indígenas sobre cerâmica, cestaria, pintura,

artesanato etc. Do mesmo modo, observei a valorização de conhecimentos agroecológicos, ligados à bioconstrução.

Tais esforços podem ser pensados em torno dos conceitos de *autonomia* e a *liberdade*: autonomia em relação ao (i) uso do tempo e dinheiro, já que ele ocupa um lugar ambíguo nesse universo, e ao (ii) circo nos semáforos. Autonomia em relação ao fazer circense diz respeito à possibilidade de fazer dinheiro em outros lugares, como praças, oficinas, eventos etc. De modo a não precisar ir para o semáforo sempre.

Autonomia e liberdade, nesses casos, irrompem num âmbito além do fazer dinheiro. Diz respeito a uma postura de vida, onde as pessoas buscam aprender a fazer coisas que lhes são úteis para o dia a dia: plantar e cozinhar o que comem, costurar o que vestem, aprender a extrair matéria-prima e construírem suas próprias casas. *Autonomia* significa reunir o máximo de conhecimentos possíveis para não depender de uma só fonte de renda. Mas, além disso, ser autônomo em relação ao *sistema* capitalista: viver de modo que nem sempre o dinheiro seja o foco principal nas relações.

Autonomia é poder fazer dinheiro de múltiplas formas quando não há semáforos. É poder escolher “hoje não vou ao semáforo”, “hoje vou trabalhar só X horas”. É poder escolher não comprar algo porque se sabe fazê-lo. Autonomia, nesse contexto, é a ampliação das possibilidades de trabalho e de vida, é semear eventuais escolhas. Nessa busca contínua por autonomia e liberdade, o circo feito em semáforos ocupa uma posição ambivalente.

Em muitos casos, o circo se sobressai inicialmente como uma atividade ‘ingênua’, uma brincadeira entre amigas/os. E, aos poucos, vai se tornando seu principal “meio de subsistência”, seu “trabalho” e “ocupação”. Nenhum/a dos/das malabaristas que conheci mencionou já saber de imediato que o circo seria sua via de *fazer* a vida – mais do que ganhar, o verbo fazer nesse universo é central: fazer circo, fazer família, fazer dinheiro, fazer casa. O caso de Ana e Fernanda revela que o circo, enquanto um trabalho com horários e locais relativamente maleáveis, pode proporcionar a compra de terrenos e a construção de casas. Mas sob quais condições? Como lidam quando esse trabalho é acompanhado por outras atividades? O circo, dessa maneira, demanda malabarismos outros, para além das performances sinaleiras.⁴

⁴ Ao lado da organização e do planejamento, outra habilidade necessária ao fazer circo é saber trabalhar coletivamente, ou seja, trabalhar conjuntamente, independente dos desafetos. Não obstante algumas pessoas possuam afinidades ou não com outras, quando realizam eventos, festivais ou apresentações coletivas, os desafetos são postos de lado para a realização do trabalho.

Evidentemente, o circo de rua possibilita uma margem de escolha, mas isso não significa que a atividade seja praticada de qualquer jeito. A informalidade não pode ser pensada como sinônimo de desorganização.

No primeiro dia que acompanhei Ana ao semáforo em Santarém, ao chegarmos, nos deparamos com outro malabarista num dos quatro semáforos da encruzilhada. Prontamente o reconheci, era Miguel. Noutra ocasião, enquanto passava de ônibus pelas ruas o vi trabalhando, equilibrando uma bola de basquete, com um bambolê na cintura, na medida em que jogava claves sobre um monociclo. Naquele dia, chegamos e Miguel já estava lá jogando, parou de trabalhar praticamente junto conosco. Ao finalizar, ele se aproximou de nós, dizia-se cansado porque trabalhara muitas horas, e depois dali ainda iria ao supermercado fazer compras.

Toda essa disposição e preocupação tinha a ver com o fato de sua companheira, Sofia, estar no oitavo mês de gravidez. Viajantes que se conheceram na estrada e passaram a circular juntos, formando uma família. Quando souberam que Sofia estava grávida, decidiram ir para Alter do Chão, escolhido como local de nascimento do bebê por ser a recomendação de uma amiga de Sofia, que já conhecera a vila e dizia ser um lugar especial. Eles haviam chegado à vila no período das chuvas e se instalaram no Savana, um terreno onde vários viajantes costumam alugar casas. Ambos preocupavam-se não apenas com as compras para o bebê, como o berço e o carrinho, mas com a alimentação adequada à gestante. No entanto, uma das principais preocupações do casal era quanto ao tipo de parto. Se fosse parto normal, auxiliado por parteiras da vila, a recuperação seria mais rápida, logo Sofia voltaria a bambolear e contribuir com a renda familiar.

As estratégias criativas das/dos malabaristas indicam que uma prática aparentemente fluida, sem muitas exigências, demandas ou organização, quando vista de perto revela a exigência de planejamento e organização: dimensão central na vida desses/as viajantes. Considerando seu estilo de vida, seu trabalho e suas necessidades, Miguel e Sofia projetavam desde o local de nascimento do bebê até a forma de parto, refletindo sobre os prós e os contras. Analisar o tempo e o local de trabalho, nesse caso, é crucial para fazer o dinheiro necessário à manutenção de sua família, na medida em que Sofia estava gestante, impossibilitada momentaneamente de trabalhar.

O planejamento é central em trajetórias como essa, e ocorre durante todo o processo das viagens (antes, durante e depois) em termos de tempo e dinheiro: como sair de Santarém para ir à cidade X? Quanto custa o deslocamento? Quanto tempo nos

semáforos é necessário para custeá-lo? Como chegar e permanecer no local? Quanto preciso fazer nessa viagem para alcançar o objetivo proposto? Quanto preciso fazer a mais para me manter quando retornar a Santarém? Quanto preciso para retornar a Santarém? Quando chegar? Quando partir? Quantos dias permanecer? Quantas horas diárias trabalhar no local? Quanto dinheiro já fiz? Quanto falta fazer?

O planejamento, a organização e o acionamento de pluriatividades aparecem como tentativas de negociar formalidades (de um estilo de vida fixo recentemente adotado) e informalidades (do estilo de vida circulante), além de representarem o próprio dinamismo da jornada viajante. Organizar-se e planejar-se no desempenho de diversas atividades, nesse contexto, é a forma que encontram de poderem se fixar a partir de um trabalho (circo) feito na circulação – o circo feito nas ruas abriga um caráter itinerante – e, através disso, zelarem por sua *autonomia* e garantirem sua *liberdade*.

Quando um/a malabarista chega a determinado local e não há semáforos ou não são tão rentáveis, ela/e procura fazer outra coisa: apresentar-se em praças, fazer artesanato, música etc. No caso das/dos malabaristas residentes em Alter do Chão, elas/es fazem essas práticas em praças, viajam para cidades próximas e, salvo as devidas exceções, realizam outras atividades. Essa busca por autonomia e liberdade é acompanhada de planejamento e organização, a fim de zelar pelo uso do tempo. Ao lado dessa busca, as atividades dentro e fora dos semáforos revelam outro valor central nesse universo: partilhar.

Dons e dinheiro

Além da certeza de que “o mundo é pequeno” enquanto um aspecto regulador nos vínculos entre viajantes, há ainda outra certeza que vigora nesse universo: sempre aparece alguém disposto a partilhar algo. Durante a pesquisa de campo realizada em São Luís, Lelia dizia-me isso quando se lembrava das dificuldades que passou com Ciro nas viagens, inclusive, com a aquisição de combustível para as motos, e ponderava: “mas, sempre aparece pessoas que ajudam”; Léo, por outro lado, referia-se às cidades menores, sem semáforos, como lugares onde “é possível viver das trocas”. Entre viajantes, *trocar* refere-se a fazer circo ou oferecer algum tipo de serviço e, a partir disso, receber outro, muitas vezes, sob a forma de alimentação ou hospedagem.

Nas falas de todas/os as/os malabaristas que conheci, as trocas são expressas honrosamente, com satisfação e orgulho. A nobreza em oferecer um elemento de troca contrapõe-se ao ato de pedir – não é à toa que, por vezes, possuem uma visão dos pedintes enquanto pessoas que, por razões diversas, pedem porque não possuem contrapartida para dar. O verbo *trocar*, entre as/os malabaristas, está atrelado muito mais ao trânsito de outros elementos do que ao dinheiro em si, como gentilezas, cuidados, ideias, saberes e informações que, muitas vezes, tornam o uso do dinheiro secundário, e nisso reside a importância dessas transações (Silva 2015:136).

Em Alter do Chão, as/os malabaristas convivem diariamente umas/uns com as/os outras/os, nutrindo relações de amizade, vizinhança e, em alguns casos como Ana e Fernanda, laços familiares fundamentados no sentimento de consideração. Diversas vezes, comentavam sobre sementes, mudas e formação de hortas dentro da conversa sobre moradia: plantar no terreno comprado, construir uma horta na casa, poder cultivar e colher alimentos sem agrotóxicos, enfim, não precisar ir a Santarém comprar comida. Poder se autogerir em termos de *autonomia* alimentar. Desse modo, entre essas pessoas circulam favores, gentilezas, cuidados, empréstimos de dinheiro e objetos (sobretudo, *brinquedos*), saberes e conhecimentos não apenas circenses, mas de bioconstrução e agroecologia, inclusive, sementes e mudas.

Nos semáforos, também circulam outros elementos que não são dinheiro: gestos, comentários, elogios, gentilezas, comidas etc. Tais elementos são muito apreciados por malabaristas e creio que podemos pensá-los como dons que circulam junto ao dinheiro. Na relação patrão-trabalhador, na Zona da Mata de Pernambuco, os *dons* circulam sob formas tangíveis e intangíveis e são calculados. Os patrões, nesse contexto, liberavam-se das obrigações trabalhistas, oferecendo dons. Com o estabelecimento dos direitos trabalhistas, a relação patrão-empregado foi reconfigurada, e entrou em cena a noção de “direito” acionada pelos trabalhadores (Sigaud 2007:148). A ideia de dom aqui pode ser útil à compreensão do que circula dentro e fora dos semáforos. A *dimensão do fluxo dos dons*, vista sob essa perspectiva, aparece sob a forma de objetos tangíveis, como as mudas, sementes, brinquedos, comida etc., e intangíveis, como as atenções, os cuidados, o respeito e o reconhecimento.

Não raro, nos semáforos as pessoas nos ofereciam panetone, biscoitos, bolos etc. Faziam elogios, críticas construtivas, aplaudiam. Trocas que são supervalorizadas por malabaristas, principalmente, em cidades menores, com poucos (quando não inexistentes) semáforos. Muitas vezes, esse tipo de troca pode ser uma etapa posterior à

chamada *troca de ideias*, ou seja, conversa da qual se extraem aprendizados que podem ser postos em prática. Nesses casos, quando uma pessoa possui outros elementos de troca que satisfazem as necessidades das/dos malabaristas, o dinheiro é desconsiderado como algo fundamental. Nos semáforos não é diferente.

Para as/os malabaristas, o dinheiro não é o único elemento que circula na rua. Desde 2013, venho discutindo sobre a imagem que elas/es possuem das pessoas que vivem em ambientes urbanos: consideradas carentes de acesso à cultura, arte, e submersas no caos citadino. A correria do dia-a-dia, no ponto de vista das/dos malabaristas, é responsável pelo estresse e infelicidade que as acomete, na medida em que por viverem de modo alternativo conseguem não apenas ter consciência disso, mas estão dispostas/os a fornecer ao público algo mais, através do circo: fruto e ferramenta do seu estilo de vida.

Tendo em vista o fato de estarem dispostas/os a proporcionar algo mais, elas/es também esperam que o público receba e retribua não somente com dinheiro. Mas, diferente da concepção maussiana sobre as obrigações envolvidas numa troca, as transações entre malabaristas e transeuntes nos semáforos não envolvem a obrigação em receber e muito menos em retribuir, pois o público não é obrigado a assistir o número, muito menos a *colaborar* com a atividade. Para as/os malabaristas, a relação com o público não se assemelha à relação entre patrão-empregado. Ao contrário, é unicamente um meio de viver de modo diferenciado e, simultaneamente, oferecer um acesso, momento de reflexão às pessoas. Desse modo, se o público está recebendo esse acesso, espera-se retribuição, mas não somente financeira.

As/os malabaristas têm consciência de que para *fazer dinheiro* nesses locais não basta só seus próprios investimentos. Não é à toa que consideram o final da semana um dos melhores dias para trabalhar, já que as pessoas ficam animadas por não estarem na correria do trabalho e poderem sair para o lazer em família. Existe, pois, uma série de fatores que contribuem e dependem das próprias pessoas, do *estado de espírito* delas em determinado momento. Épocas festivas, como Natal e final de ano, são consideradas bons momentos para *fazer dinheiro*.

Na concepção das/dos malabaristas, não apenas porque as pessoas recebem o décimo terceiro salário, mas por estarem em espírito de festa, logo, mais propensas e abertas às apresentações e intervenções artísticas nas ruas. Nessa concepção, o *fazer dinheiro* nos semáforos é um processo que envolve investimentos não somente da/do

malabarista, mas uma propensão do público, já que não há obrigação legal de contribuição.

O que mais influencia na hora de ir [para o semáforo] é a própria mente, o estado de espírito da pessoa. Para mim, isso é o que vale, é a energia que você está. A energia que você dá é a que você recebe. É exatamente isso. E é, nesse sentido, dá e recebe. Então eu acho que se eu fosse resumir ou criar uma mensagem, eu acho que malabarismo é isso: é energia pura, é dar e receber. Você dá, vai lá e se doa. Você dá para as pessoas sua apresentação, seu sorriso, sua energia, sua habilidade, seu tempo, seu “bom dia”, seu “boa noite”, você dá. Você vai lá e doa para a pessoa. E ela não tem obrigação nenhuma de te devolver nada, mas eu acho que justamente por ela não ter obrigação nenhuma, é que ela te devolve. Essa relação de dar e receber, ali é fundamental. Eu fico fascinado de saber que não existe nenhuma regra que regulamenta aquilo, de saber que as pessoas não são obrigadas a dar nada e mesmo assim elas te dão, e que sempre dá certo (Conversa com Juan em Alter do Chão, 27/07/17 – grifos meus).

A *energia* é um dos elementos em circulação nos semáforos, junto aos dons, tangíveis e intangíveis, e ao dinheiro. No entanto, ela adquire um status diferenciado, pois, ela influencia o fazer dinheiro. Se a pessoa malabarista doa-se energeticamente, ela consegue fazer dinheiro. A energia não pode ser vista apenas como sinônimo de investimento físico.

Tal concepção presente entre as/os malabaristas parte de um princípio holístico, onde determinadas práticas ajudam e fortalecem o fluxo de energia para restabelecer o estado de equilíbrio entre corpo e espírito. A energia circula através das coisas, pessoas, alimentos e brinquedos, elementos transportadores, de modo a estabelecer um fluxo contínuo que pode edificá-la ou destruí-la. Em outras palavras, a energia circula através dos dons. Ela não pode ser comprada, pois, está dentro de uma pessoa e pode ser *passada, transmitida* a outra, ou ainda, *trocada*. Cultivá-la é um investimento da pessoa em si mesma, é uma espécie de *estado de espírito*, astral, ânimo que influencia o modo que a/o malabarista se apresenta ao público. Assim, a *energia* não é vista, mas é sentida e percebida e, certamente, influencia a estética circense.

A energia, semelhante aos conceitos de sorte, chance e fortuna (Da Col 2012), é incorporada nas decisões cotidianas dos/das malabaristas, e funciona como um meio dessas pessoas negociarem as incertezas próprias à informalidade do circo nas ruas e ao seu estilo de vida. Pensar a *energia* nos leva à reflexão sobre a díade econômico-cosmológico, quer dizer, como as/os malabaristas avaliam seu destino, desenvolvem estratégias para gestá-lo e, assim, garantir seus modos de vida.

A energia perpassa diferentes âmbitos da socialidade das/dos malabaristas, associada (i) à ideia de agência, responsabilidade e vontade: a/o malabarista investe em

si para ter contrapartida de outrem, dar energia para recebê-la; (ii) à eficácia: fazer dinheiro a partir da energia; (iii) às habilidades pessoais: um *truque* feito com energia é diferenciado, potencializado. A energia então difere dos dons, que circulam dentro e fora dos semáforos, por seu caráter contingente. Ela pode ser leve, boa, mas também pesada, ruim. Ao ir para o semáforo trabalhar, a/o malabarista já sabe que estará exposta/o a energias diversas e, justamente por ter consciência disso (algo que eu não tinha até *entrar no sinal*), é que ela/e se prepara energeticamente, pois tenta *trocar energia boa* com as/os transeuntes e, ao mesmo tempo, neutralizar as ruins, pesadas. Se ela/e consegue fazer isso, é provável que não apenas faça dinheiro, mas consiga afetar as pessoas. Nesses termos, transmitir energia é afetar positivamente sem ser afetado negativamente. A *energia*, então, junto a comidas, gentilezas, críticas e comentários construtivos, estimulantes é um elemento, uma força em circulação nas ruas.

Semáforo que paga: dinheiro ambivalente

O dinheiro permeia o universo circense de rua de múltiplas maneiras. A partir da energia da pessoa malabarista, o dinheiro feito é utilizado para circular e para se fixar. Para comprar terrenos e construir casas. Delimitar o tempo de trabalho dentro e fora dos semáforos. Definir a frequência das viagens a cidades próximas a Santarém. Para suprimento das necessidades consideradas básicas, como alimentação. Para desfrutar determinadas formas de lazer. Para saber quais lugares visitar. Tudo isso é perpassado pelo dinheiro. No entanto, sua importância no universo circense não é somente pelo caráter onipresente: nas ruas, ter moedas é uma forma de poder. As/os malabaristas monopolizam grandes quantias de moedas, e isso atrai para elas/es relações diversas, além de estimular formas de cálculo específicas. Desse modo, o dinheiro é onipresente no universo circense de rua e, caso a pessoa malabarista faça os investimentos necessários, ela consegue *fazer dinheiro*:

O que, na tua opinião, aumenta a arrecadação no sinal? Tem várias coisas. A energia que tu traz do teu dia-a-dia, pode ser diferente hoje e amanhã. Tem o número que tu faz para as pessoas, eu acho que influencia, embora haja pessoas que achem que não influencia. Tem as próprias pessoas, tem o dia que as pessoas estão, às vezes uma fase do dia. Tem aquela coisa que eu chamaria de a sorte. Depende... Tu vai, às vezes tu tá no sinal agora não é bom, daqui a meia hora tu começa a ganhar, todos os sinais te pagam...
(Conversa com Ana em Santarém, 01/06/17 – grifos meus)

Embora o dinheiro seja distinto da energia e dos dons que circulam, esses elementos misturam-se no cotidiano das ruas. Ana expressa em sua fala vários fatores que contribuem ao *fazer dinheiro*, como o investimento no *número* circense, o *estado de espírito* das pessoas, a própria ideia de sorte, acaso e *energia*. Fatores que fazem com que o *sinhal pague* a/o malabarista. É muito interessante pensarmos nesses termos se consideramos que o semáforo, no universo circense de rua, adquire agência. Ao contrário do que muitas pessoas poderiam pensar, as/os malabaristas não veem os transeuntes como patrões.

Em campo, muitas vezes a expressão “sinhal X paga bem” era dita para se referir a locais bons para *fazer dinheiro*. É o semáforo que influencia quanto tempo um/a malabarista trabalhará para fazer X quantia, quanto tempo a/o malabarista permanecerá em determinado local, ou ainda, se a/o malabarista terá condições de se manter (somente) com circo ali. É claro que existe uma harmonização entre os horários de trabalho do público com as jornadas das/dos malabaristas, uma espécie de retroalimentação entre formalidades e informalidades. Mas o semáforo tem essa influência sobre a vida da pessoa malabarista e, por isso, acaba tendo uma espécie de agência, dele as/os malabaristas tentam não depender tanto: ter *autonomia* para poder trabalhar em outros locais que não seja só nos semáforos, poder se manter com circo feito noutros ambientes. As/os malabaristas têm consciência de que para viver no *sistema*, ou ainda, nas margens dele, é necessário fazer dinheiro, e isso é uma realidade contra a qual empreendem artimanhas diversas, daí a noção de *autonomia*.

A ideia de *necessitar* de dinheiro para viver e, mais que isso, de ter que malabarear nos semáforos para fazer dinheiro não é bem vista. Isso ocorre porque o dinheiro, no universo circense de rua, adquire uma posição oposta aos sentimentos, configurando as *dualidades perigosas* discutidas por Zelizer (2009:240), quer dizer, a ideia de que na realidade empírica a racionalidade, neste caso o dinheiro, está separada dos sentimentos. Frente às teorias das esferas separadas e dos mundos hostis, Zelizer (2005) propôs pensarmos *cruzamentos*, isto é, na realidade sentimentos e racionalidades não se encontram separados. Ao contrário, as pessoas estabelecem distinções entre os tipos de relações interpessoais, associando-as a símbolos, práticas e meios de intercâmbios distintos.

Em contrapartida à ideia de cruzamentos, as/os malabaristas, muitas vezes, agem como se o dinheiro pertencesse à esfera da racionalidade e, portanto, fosse hostil aos sentimentos. Daí a importância de trocar dons que não o dinheiro, já que na concepção

delas/es esses dons em circulação impedem a sobreposição da racionalidade aos sentimentos. Nas brincadeiras com alguns malabaristas, muitas vezes, a palavra “burguesa” (na conotação pejorativa) era acionada para se distinguirem – ainda que em determinadas situações elas/es tivessem mais dinheiro que eu e soubessem disso –, enquanto uma pessoa “do banco”, quer dizer, que não *faz dinheiro*, mas recebe, pois está totalmente *dentro do sistema*.

Muitas vezes, malabaristas que me ensinaram a jogar algum brinquedo relutavam em estabelecer preço para as aulas, diferente de quando ofereciam algum *workshop* ou oficina para pessoas desconhecidas. Outras vezes percebi que, ao estar em algum bar próximo à orla e assistir apresentações das/dos malabaristas, na passagem de chapéu ‘pulavam’ a mesa onde eu estava. Quando as/os questionava sobre isso, respondiam-me “pulamos as mesas dos amigos”. Dificilmente, ao longo desses anos de pesquisa, um/a malabarista aceitou dinheiro da minha parte. Em todas as vezes, havia um esforço posterior de retribuição, como quando ofereci uma quantia financeira a Ana para colaborar com o puxirum à abertura de palhas para a casa e, logo em seguida, ela investiu o dinheiro oferecido na compra de um litro de açaí para dividir comigo, frisando que estava utilizando exatamente o ‘meu’ dinheiro.

Ao lado disso, teciam comentários acerca da possibilidade de vivermos sem a utilização de dinheiro, quer dizer, eram feitas críticas a mentalidades “fechadas”, que não conseguem pensar outras formas de transação, e posturas de pessoas consideradas “gananciosas” por priorizarem o lucro financeiro.

O dinheiro então é revestido de sentidos e adquire significações circunstanciais, consoante às relações, adquirindo características ambíguas. No mundo do boxe, os lutadores percebem e expressam seus corpos em termos de uma mercantilização, cujo lucro financeiro fica nas mãos dos empresários ambiciosos. A consciência dessa exploração traduz a relação boxeador-empresário em termos de prostituição, escravidão e criação animal. Tudo se passa como se o dinheiro, nesse universo, afastasse as pessoas amigas e atraísse os inimigos (Wacquant 2000:132). No contexto religioso, por sua vez, o dinheiro está presente, mas frequentemente aparece sob a ótica do descrédito e serve de fonte para acusações. Enquanto elemento pertencente à ordem mundana, o dinheiro parece não combinar com a ordem sagrada, como se fossem mundos hostis. Todavia, as práticas religiosas do candomblé mostram que as pessoas estabelecem vínculos com os orixás através do dinheiro, tributos que são repartidos entre o orixá e o ogã da casa, que funciona como elemento de interação (Baptista 2007).

Entre as/os malabaristas, o dinheiro, junto aos dons e à energia, deixa de ser abstrato e numérico e é revestido de significados nas transações, que abrigam também conteúdos morais, na medida em que o ato de fazer dinheiro nos semáforos pode ser encarado como um estilo de vida que mescla arte, trabalho e vadiagem. Fazer dinheiro com vistas ao lucro por si mesmo não é uma atitude louvada por malabaristas; ao contrário do dinheiro feito com objetivos definidos, alcançado por metas: o dinheiro adquire então outro sentido.

A ideia de *autonomia* em relação ao dinheiro surge exatamente nesse contexto: as pessoas buscam cada vez mais precisar menos de dinheiro, pois utilizando as palavras de Fernanda, ele é visto como um mal necessário (em termos de *necessidade*), então “faça você mesmo”. Diante disso, as/os malabaristas empreendem práticas que visam subverter a utilização constante de dinheiro, como a *reciclagem* de alimentos e as *ocupações*. Reciclar alimentos é ir às feiras, supermercados e outros locais de venda desses produtos para “catar”, “aproveitar” os que são jogados no lixo (daí a ideia de *reciclar*, por de volta no ciclo) porque não foram vendidos ou por não serem esteticamente compráveis. Ocupar locais abandonados pelos poderes públicos e iniciativas privadas também emergem como ações subversivas frente ao mercado imobiliário e seus preços considerados abusivos. Por conseguinte, lucrar e acumular não são objetivos centrais nesse universo, no qual as próprias nuances do estilo de vida circulante impõem barreiras a essa prática.

A acumulação (no sentido de fazer dinheiro para guardar) não é buscada como um fim em si mesmo, mas isso não significa que não haja nenhum tipo de acúmulo. Tudo se passa como se o dinheiro transformado em capital abstrato fosse distinto do dinheiro acumulado com um objetivo determinado a partir de um sistema de metas. Estabelecer uma meta, nesse universo, ‘purifica’ o dinheiro, tornando-o um valor positivo. A construção da casa de Ana e Fernanda é um exemplo disso: acumular dinheiro foi necessário, na medida em que precisavam comprar materiais e pagar a mão-de-obra. O dinheiro feito nos semáforos estava sempre sendo investido na casa, ainda que em alguns momentos ficasse guardado até chegar à quantia necessária para o investimento na construção. Com exceção desse tipo de situação, jamais vi um/a malabarista acumular dinheiro. Acumular não é necessário, pois, o estilo de vida viajante não requer grandes quantias financeiras e, além disso, existem as *trocas* de objetos, favores, serviços e gentilezas.

Os gastos da pessoa malabarista são feitos segundo as necessidades do momento. Alimentação e moradia figuram nas prioridades de aplicação do dinheiro feito nos semáforos. Posteriormente, vem outros objetos e serviços que elas/es consideram estar precisando, como câmeras fotográficas, mochilas, (peças de) bicicleta etc. E junto a isso o investimento no lazer. Nas viagens, quando o dinheiro para o hotel e para a alimentação diária era “feito”, o adicional era pensado em termos de um objetivo definido ou de lazer. Concluída a meta, não se trabalhava mais.

A acumulação como um fim em si mesmo e a ideia de escassez, em geral, não fazem parte desse universo. O acionamento de um esquema de pluriatividade, as *trocas* de favores e serviços (no sentido atribuído a essa palavra pelas/os malabaristas), e a própria condição circulante são incompatíveis com ela. Nesse universo, circular é também encontrar opções consideradas mais vantajosas.

No entanto, apesar do dinheiro possuir sentidos ambivalentes, ele é um signo de valorização do trabalho da pessoa malabarista sob a transação da troca de moedas. As/os malabaristas procuram determinados locais e oportunidades para pôr as moedas em circulação. Estabelecimentos que realizem a troca oferecendo uma porcentagem – dez ou vinte por cento em cima do valor trocado – ou serviço adicional, como trocar moedas numa lanchonete e receber, além do dinheiro trocado, um sanduíche que, para elas/es, não tem a conotação de brinde. Isso não significa que o interesse da/o malabarista esteja no sanduíche em si. Ao contrário, a porcentagem ou serviço adicional representam, para elas/es, uma forma de *valorização* do processo total que é trabalhar nas ruas, ou seja, “fazer eles entenderem que estamos fazendo um favor a eles” e, portanto, devem demonstrar sua gratidão ao “valorizar nosso trabalho”, que envolve o processo de fazer o dinheiro, receber as moedas, contá-las (habilidade notória entre elas/es), separá-las e trocá-las. A partir do grande volume de moedas que reúnem, as/os malabaristas aglomeram em torno de si relações e transações diversas, onde elas/es têm o poder de decisão justamente por monopolizarem o elemento de troca, as moedas. Nesse cenário, os sentidos do dinheiro oscilam de (i) *mal necessário* a dinheiro adquirido pelo (ii) *trabalho* com objetivo e metas definidas, ou ainda, como (iii) signo de *valorização* desse trabalho.

Alter das águas e do Chão

Alter do Chão, escolhido como local de moradia, impõe a negociação entre circulação e repouso, ou ainda, a questão de como se fixar, fazer família e casa, a partir de uma atividade itinerante, aprendida e outrora experimentada nas estradas. O histórico da vila, os debates e lutas em prol da Amazônia, e as relações travadas com artistas e coletivos circenses, esclarecem um dos principais motivos pelos quais a vila, dentre tantas outras localidades presentes no circuito de cidades visitadas por malabaristas (Silva 2015), foi escolhida como um lugar para morar: um entrelugar onde é possível, ao mesmo tempo, habitar na Amazônia sem perder a possibilidade de *fazer dinheiro* nos semáforos de Santarém (Silva 2018). No entanto, residir nessa região implica lidar com a dinâmica econômica local, isto é, com a alternância sazonal entre *alta* e *baixa temporada*.

Alter do Chão localiza-se na margem direita do Rio Tapajós, que nasce no Mato Grosso (MT), banha parte do Estado do Pará e desagua no rio Amazonas em frente à cidade de Santarém, o chamado “encontro das águas”. A dinâmica de suas águas influencia diretamente o cenário e a vida local. As paisagens da vila mudam drasticamente no inverno e no verão. A “estação seca” (verão) vai aproximadamente de agosto a fevereiro, quando o nível das águas abaixa e surgem bancos de areia, as praias de água doce. Ao contrário, a “estação chuvosa” (inverno) começa aproximadamente em março e se estende até julho, quando as chuvas fazem o nível do rio subir vários metros, ocultando as praias. Dessa maneira, a movimentação de pessoas e o calendário de eventos e festividades da vila é completamente alterado. Lógica inversa ao que ocorre na sazonalidade esquimó (Mauss 2003), pois, o período do inverno esquimó equivale ao verão em Alter do Chão: momento de efervescência.

Se é difícil trabalhar com chuva nos semáforos e praças de Santarém e não há público nas praças de Alter do Chão, o que as/os malabaristas que moram na vila fazem? A sazonalidade local incide nas jornadas dessas pessoas, que se encontram em meio a dificuldades para “trabalhar com arte e circo” durante a época das chuvas. Para lidar com isso, acionam um circuito adicional de cidades para onde fazem *viagens de trabalho*.⁵ As viagens de *trabalho* diferem das *viagens de lazer* por causa do tempo e dos objetivos. Se nas viagens de lazer, não há calendário pré-estabelecido e os objetivos são basicamente fazer dinheiro para se alimentar e se hospedar a fim de conhecer o

⁵ Não explicitarei os nomes das cidades do circuito alternativo, pois, não há consenso entre as/os malabaristas quanto à divulgação desse circuito adicional. Aos propósitos dessa discussão, basta saber que cidades próximas a garimpo, onde a escassez de atrações culturais atrai o foco para as/os malabaristas nas ruas, semáforos e praças.

lugar, nas viagens de trabalho, o tempo é calculado previamente, tem data para ir e data para voltar, e o objetivo é definido: fazer dinheiro.

O dinheiro feito nessas viagens de trabalho serve, em geral, à manutenção dessas pessoas em Santarém. Nos casos de construção de casas ou pagamento de terrenos, um *dinheiro extra* é feito para se manterem alguns dias em Santarém, após retornarem da viagem, sem precisar ir para os semáforos logo após a viagem. Isso porque Santarém não está na lista das melhores cidades para *fazer dinheiro*. Ela aparece como uma opção no circuito de cidades visitadas por malabaristas mais por causa do trajeto de viagem – de barco ou via Estrada de Ferro Carajás –, e menos pelo potencial financeiro dos seus semáforos.

Diante do cenário economicamente instável de Alter do Chão, da dificuldade em fazer dinheiro em Santarém e da reconfiguração de demandas econômicas por parte das/dos malabaristas, um circuito de cidades alternativo está sendo desenhado. Alternativo em relação ao circuito mapeado durante a pesquisa em São Luís e em termos de objetivo definido, o fazer dinheiro. Só conheci esse circuito quando me deparei com malabaristas que estão buscando se fixar em determinado local. Em São Luís, as/os malabaristas que conheci estavam fazendo viagens de lazer.

A frequência das viagens às cidades do circuito alternativo varia conforme as necessidades circunstanciais de cada malabarista: (i) uns para fazer dinheiro e construir casas; (ii) outros para fazer o dinheiro necessário ao pagamento de terrenos, ou ainda, (iii) existem aqueles que fazem dinheiro para manutenção familiar. A maioria das/dos malabaristas que se encaixam no primeiro e segundo perfil, ou seja, construindo casas ou pagando terrenos, não possui filhas/os, nem famílias consanguíneas formadas com outras/os malabaristas.

Em meio a essa movimentação, seja por circuitos de viagem usuais ou alternativos, as/os malabaristas atualmente residentes em Alter do Chão encontram na vila um local propício à fixação. E, a partir disso, passam a investir em compras de terrenos e matéria-prima para construir suas casas, não necessariamente com o objetivo de interromper a circulação. A fixação aqui aparece como um momento dentro do movimento: fixar para circular, ter um local para guardar coisas e poder receber pessoas que estão passando pela vila. Dito de outro modo, fixar para circular. É interessante notarmos que a circulação pode ser vista como uma chave à compreensão de outras nuances que mesclam afeto e dinheiro no circo de rua. É através do movimento de pessoas e coisas que existe, por um lado, a formação de laços familiares de sangue ou

consideração entre pessoas que se identificam e, por outro, emergem diversas atividades mobilizadas contextualmente.

Referências

Baptista, José Renato de C. 2007. “Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé”. *Mana* 13 (1). Rio de Janeiro. pp. 7-40.

Da Col, Giovanni. 2012. “Natural Philosophies of Fortune—Luck, Vitality, and Uncontrolled Relatedness”. In: *Social Analysis: The International Journal of Cultural and Social Practice*. Vol. 56. 1ªEd. Berghahn Journals. pp. 1-23.

Lambek, Michael. 2011. “Kinship as gift and theft: acts of succession in Mayotte and Ancient Israel”. In: *American Ethnologist*, vol. 38, n. 1. pp.2-16.

Marcelin, Louis H. 1996. *A invenção da família afro-americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ). 324 p.

Mauss, Marcel. 2003. “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 423-503.

Mintz, Sidney.; Wolf, Eric. 1950. “An Analysis of Ritual Co-Parenthood (Compadrazgo).” In: *Southwestern Journal of Anthropology*, vol 6, n 4. pp. 341-368.

Pina-Cabral, João de.; Silva, Vanda Aparecida da. 2013. *Gente livre: consideração e pessoa no Baixo Sul da Bahia*. São Paulo: Terceiro Nome. 168p.

Sigaud, Lygia. 2007. “Se eu soubesse”: os dons, as dívidas e suas equivalências.” In: *Ruris*, (1)2, setembro. pp. 123-153.

Silva, Juliana Oliveira. 2015. *Entre swings, bolinhas e pernas de pau: circulação e trocas entre malabaristas de rua*. São Luís: Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). 188p.

_____. 2018. *Circo de rua na Amazônia: entre corpos, casas e estradas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS-MN/UFRJ.

Wacquant, Loïc. 2000. Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. In: *Mana* 6(2). pp. 127-146.

Zelizer, Viviana A. 2009. “Dualidades perigosas”. In: *Mana* 15 (1). pp. 237-256.

_____. 2005. “Intimité et économie”. In: *Terrain*, nº 45. pp. 13-28.